

ACENOS E AFAGOS DO CORPO: TEMPO, ICONICIDADE E TRANSDISCURSIVIDADE EM JOÃO GILBERTO NOLL

Tania T. S. Nunes
ttsnunes@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/9069793470082893>

RESUMO:

A literatura é por si só um termo plurissignificativo. Uma linguagem que hoje cada vez mais caminha na iconicidade e nos labirintos dos prefixos inter e trans quer seja na inserção do corpo literário no diálogo com a tecnologia ou outros saberes científicos. **Acenos e afagos** (2008), de João Gilberto Noll, traz um corpo-ícone inscrito na fronteira entre literatura, política, psicanálise, sociologia e antropologia no espaço da metamorfose do tempo que cada vez enfrenta mais acenos e menos afagos. Mas que imagem confusa da eternidade rascunha esta poética através da palavra escrita pelo reverso desse corpo?

Palavras-chave: corpo – linguagem – literatura – psicanálise – sociologia

ACENOS E AFAGOS DO CORPO: TEMPO, ICONICIDADE E TRANSDISCURSIVIDADE EM JOÃO GILBERTO NOLL

O já e o sempre passariam a ser irmãos, passariam a fazer parte de uma corrente carnal e metafísica ao mesmo tempo. Entre a experiência de um e de outro haveria drenos intermediários, a conduzir resíduos de hoje para a já combatida quimera do amanhã. Com sinceridade, nem sei para que esse trânsito maluco entre o aqui e o acolá. Entre uma experiência e outra, com sorte, talvez daria para se rascunhar uma imagem ainda confusa da eternidade (NOLL, 2008, p. 63).

Há um triplo desafio que a humanidade enfrenta neste momento de “multiplicidade de centros”: o interregno, a incerteza e a disparidade institucional, segundo Zygmunt Bauman. Sem aprofundar nesses meandros, mas caracterizando **interregno** como o presente em que sentimos o antigo inútil e nada existe para se colocar no lugar, uma suspensão temporária, o sociólogo polonês cita Gramsci, ao anunciar “o velho está morrendo”.

Uma das grandes inquietações da narrativa contemporânea é pensar a vida e o comportamento diante do ritmo assustador do tempo em que o indivíduo dá voz ao sujeito coletivo em busca de afirmação, de sobreviver em tempos de vidas descartáveis, lixos humanos a transitar errante em nossas cidades. A grande barbárie e o mal-estar dos

tempos líquidos é o descentramento da identidade para a individualidade e da subjetividade individual para coletiva ou para a interioridade. Assim, a literatura continua sendo espaço de reflexão crítica, cuja obsessão dos autores tem sido buscar respostas na arte para o presente.

João Gilberto Noll traz em *Acenos e afagos* (2008) um corpo instaurado **no mistério da “máquina de ser”**. Quer pensar a escrita, formata em sua obra uma teoria da linguagem através da literatura. Ao apertar o botão do imaginário, vira e desvira o corpo pelo avesso e o inscreve em outro território: o feminino. Anuncia o reverso de um indivíduo desmemoriado que se adensa no extravio entre ser ou não-ser, entre ser homem ou ser mulher, quando o narrador sentencia a experiência do trabalho com a linguagem visceral: “sinto-me abrindo um embrulho do meu corpo inteiro [...]. E a imagem do desembulhar cai perfeita aqui também”, ou seja, desembulha o corpo-objeto. O corpo como um fenômeno cultural válido para descrever um fluxo de linguagem. (NOLL, 2008, p. 37;19).

Transmutação do reverso é o avesso da narrativa centrada no corpo enquanto ícone da cultura e significante na literatura. A biografia sexual de um homem que escreve uma epopéia libidinal, que narra a transmutação como grande acontecimento, “o grau híbrido do percurso homem-mulher”. Um evento que se inicia no *inferno do eu* (corpo e memória), no emaranhado do pensamento que “temia que sua vida pudesse desandar”. Os infernos de um *eu* remete a ideia de que “o corpo pode conduzir a consciência em vez de ser seu objeto” (COURTINE, 2008, p. 10).

Um corpo metamorfoseado em seu reverso, a vivenciar a experiência de uma escrita-realidade. Mas coagula-se ao final para salvar o próprio corpo. Coagula-se para salvar-se enquanto homem e ex-pai. Coagula-se para escrever uma nova narrativa, viver em outro corpo. Coagula-se depois de circular de sua própria boca “pássaros errantes”: são palavras.

Linguagem como um teatro trágico do mundo na experiência do masculino-feminino, quando os personagens transferem-se de territórios: da cidade para o interior do país e de mulher novamente para homem, cumprido em ato cego de servidão. Um rito a denunciar sentimentos esquecidos e o resgate de verdadeiras sensações. Ela fala no corpo dele: “vivia, por enquanto, expatriado de meus papéis masculinos. Comecei a

acreditar naquela altura que esses papéis talvez já fossem irrecuperáveis” (NOLL, 2008, p. 97).

Em **nossos tempos, o homem** e a mulher vivem “expatriados de seus papéis” antes impostos pela tradição. Neste conflito interior, o papel de ser mulher foi demonstrado na rotina insuportável do dia dentro de uma casa à espera da noite e da melhor transa com seu homem, quando essa mulher descobre-se diante de dois tempos: antes e depois da conversão. Por isso, às vezes reconhece a importância de “gestos afetuosos” que, antes, não tinha com o próprio filho ou a mulher.

Um **olhar político** pode ser atribuído ao Pai: a questão do Estado soberano, do pátrio poder e dos filhos cada vez mais expatriados e abandonados ao exílio na própria pátria em tempos paradoxais de desenvolvimento tecnológico e desarmonia do humano. Sabemos que o território deixou de representar necessariamente o nacional e que o imaginário político – um corpo coletivo – supera o chão enquanto nação.

Há em *Acenos e afagos* **um corpo feminino imaginado**¹. O corpo ocupa um lugar no espaço. Mas estudos teológicos da Idade Média trazem a afirmação da Igreja *Isto é o meu corpo* “demonstram que a presença real do corpo de Cristo na hóstia durante o sacrifício da missa faz desse corpo o eixo do mundo” e não há um espaço ocupado. Além disso, este alude que “Jesus é o fruto de uma dupla filiação, de uma identidade humana e divina ao mesmo tempo. Ele é produto da união do Verbo masculino e divino e de uma carne humana e feminina” (COURTINE, 2008, p. 43-44).

O corpo é um acontecimento coletivo nesta epopéia. Presentifica os arquétipos masculino e feminino. Um símbolo do presente que reserva uma iconicidade a marcar o tempo. Ele se oferece ao leitor para ser desvendado em suas entranhas e em suas reações, em cada ato libidinal. A narradora diz: “Meu amigo engenheiro representava um pouco a fidalguia masculina, sempre um tanto confusa, diga-se, ainda mais por ser virgem de mim em confronto com meu inesgotável apetite”. Mais adiante revela: “A abelha tatuada no prepúcio era sinal dos tempos [...] Era o sinal de que o inoportuno ganharia uma ferroada se ousasse a inconveniência” (NOLL, 2008, p. 76-77).

A pergunta hoje é: quantas ferroadas o inoportuno nos reserva? O retorno ao medievo literário, à canção do amigo: eu-lírico feminino a encenar **o amor em presença**

1 Segundo Anderson, “uma nação é uma comunidade politicamente imaginada” (2008, p. 37).

da natureza. Mas existem outras leituras no tempo do desassossego e dos mistérios do inconsciente neste corpo-ícone. A euforia do corpo no(a) narrador(a) que ama e escreve quer calar a consciência corporal masculina para ser mulher. Não esqueçamos que em Freud e Lacan a função do amor na sexualidade feminina tem duas leituras. Se para Freud a mulher quer ser amada mais do que amar; para Lacan a mulher quer ser desejada e amada pelo que ela não-é. E, essa ideia de incompletude corresponde exemplarmente na literatura deste autor.

Corpo enquanto território de buscas, ambigualmente explorado pela linguagem polissêmica da literatura que se apresenta como um exercício enriquecedor da palavra transmutada em arte a aproximar o leitor da vida, do homem comum que reflete *nós-outros*. Noll não nos deixa esquecer que

no espelho, você se vê como realmente é: um ser avulso que precisa urgentemente se ligar a outro, interligar-se, ou mesmo, religar-se a outro corpo mesmo que esse amante tenha recebido uma genética diferenciada da que ele recebeu. Aquele que vencera a distância até o gozo, agora se mirava e descobria mais uma vez o pouco caso que a vida lhe fazia (NOLL, 2008, p. 179).

Mas que corpo é esse?

Barthes diz, que temos muitos”. O corpo de fruição guarda com o texto, segundo o semiólogo, a semelhança de ser lista aberta de “fogos de linguagem” e presencia sua forma humana, um corpo erótico. A desordem entre o homem, a memória e as coisas do mundo estão nas narrativas de João Gilberto Noll que trazem o flagelo da condição desse homem, na carência de amor, na falta de sensibilidade e na escrita como gozo corporal e mental necessário à sobrevivência da arte (1987 p. 25).

Não só o feminino é desnudado nesta “poesia do silêncio”, mas o próprio **ato da escrita** do personagem-autor quando seu inconsciente narra sua voz interior: “Preciso fechar os olhos para poder baixar a carne diáfana mental que me salvará da solidez na cama diária. Quem sabe um corpo inédito baixe hoje em meu imaginário?” O que busca é o orgasmo com a escrita. Um corpo erótico. “O orgasmo comigo se deu nas vísceras da carne evanescente” [...] (NOLL, 2008, p. 41).

Eis a força da imagem do corpo que na obra desse autor, bem como na cultura contemporânea transformou-se em ícone de um tempo e se oferece enquanto objeto da literatura, é palavra descrita e acentuada sempre na eficácia com que esse autor labora sua linguagem.

O homem a quem a protagonista se entrega é um engenheiro. Um profissional que vive de arquitetar novos projetos. Aqui o narrador-escritor também tem um projeto, uma nova cartografia a ser vivida: um novo espaço identitário, qual seja, o trânsito de um corpo dentro do outro, uma **corpografia urbana**, uma crítica ao tempo presente, quando o indivíduo já não se reconhece nem mesmo no seu próprio espaço e, não resguarda o corpo que não funciona mais só como invólucro, mas espaço, suporte midiático, território de viagem e voo do pensamento até para uma narrativa. Não se acha refletido no próprio espelho, que está esfacelado e sem reflexo. Nesta trilha, o feminino complementa com um profundo e irônico lamento:

Se ele viesse todo fim de mês com uma soma razoável para a vida diária, por exemplo, os cosméticos eu não iria querer separação jamais. Pela união medianamente confortável com o engenheiro, eu ficaria no esconderijo daquela moradia afastada de tudo, toda preparada para quando o amor chegasse à tardinha, abrindo o portão com seu lirismo natural, tristonho. Ali, eu às vezes era mais mulher que muitas outras. De repente poderia acordar me sentindo mais homem do que nunca (NOLL, 2008, p. 100).

No trecho acima, todavia, a narrativa aproxima-se do feminino pelas perdas em que a mulher está nessa correnteza do tempo e sempre sem tempo para ser-mulher, quando a cama está vazia e o amor não habita a mesma casa, já não tem por que e por quem esperar no portão. O “amanhã de manhã, vou fazer o café para nós dois” da canção é passado. Imagens perdidas no tempo, que Noll aponta em seu avesso. O narrador deixa sua inquietação: “Com ajuda de quem eu poderia reaver essas funções?” (NOLL, 2008, p. 97)

Por este corpo transmutado ao reverso, Noll traz a sensibilidade do toque de ser mulher. A percepção do corpo em mudança para a expectativa ansiosa da entrega e o desejo de servir ao amado, a dor e o sofrer de uma amante. Trata da insatisfação do individual no presente. Seu discurso ora volta-se para a defesa do feminino ora para a decepção do masculino. Mas a proposta de sua literatura ele mesmo diz

É muito presente nos meus livros essa luta entre o ser e o não ser – que já está em Hamlet, quando ele começa a bancar o louco. É o próprio *to be or not to be*; o que é que eu estou ganhando com estar vivo? O que representa isso para mim, para os outros? No meu caso tenho a literatura para pensar (MACIEL, 2009, p. 37).

O homem-feminino de *Acenos e afagos* testemunha que “viver sem embates era tudo de que precisava desde minhas priscas auroras. Não que gastasse o tempo todo a

contemplar a moléstia do tédio, nada disso”. Ele sabe que a melancolia já não tem lugar no amor. O sentimentalismo romântico há muito deixou o humano. (NOLL, 2008, p. 101).

O corpo tem valor inestimável nesta epopéia. Nele está a viagem da ausência sempre lamentada pela palavra do(a) narrador(a) do “amasso oblíquo do encontro com o outro” e acena que os anos dourados voaram, o sonho, o encontro do amor ideal”. É tempo de novos afagos. Tempo que não se toca o corpo imaculadamente, pois “o que os unia era um gosto aristocrático pelas artes da sodomia [...] Seus grandes lábios se apresentavam seco, mas febris. Seco se chamava o destino da velhice” (NOLL, 2008, p. 51;49).

Um encontro interessante. Depois da morte do seu homem, ela dança com um segurança. Dança o quê? “Ele falou ser Martinho da Vila. Um samba”. Confesso que no diálogo entre linguagens, entre literatura e música; entre poesia e samba não há como resistir a cantar: “já tive mulheres de todas as cores... de várias idades... de muitos amores” (NOLL, 2008, p. 188).

Os **acenos** estão mais presentes que os *afagos*, embora as cenas de erotismo relatem a saciedade por **afagos**. A narrativa é um pleno estarrecer libidinal do amor-carne, amor inflamado, o corpo em chamas pelo desejo de sedução, o próprio encontro e o “feitiço acumulado de um para o outro em tímida ardência”. Simbolicamente, que imagem confusa da eternidade rascunhou o narrador através desse corpo? A imagem de que o mundo sensível está sendo apagado. E, o aceno maior ao próprio eu para não precisar ver o “homem irreal dentro de mim” (NOLL, 2008, p. 40;41;24).

Não há perfeição sem corpo e sem entrega. Na escrita não é diferente. O encontro de dois corpos transfigurados, mesmo que um seja extraviado de sua genética natural, diz: “tocamos para dar ao corpo o seu melhor” ou

dormir é uma perda de tempo ele diz. Aspiro sua pele muito de perto. Cheira a tudo o que ele foi buscar viajando e que nunca conhecerei e nem quero mais saber. O que sinto é um odor indecifrável, com ágeis malícias que não chegam a compor algum fio de história. Dois dias depois ele parte mais uma vez. Sempre me deixando a perguntar por quanto tempo. (NOLL, 2008, p.13;116).

Odor de femina, já dizia a imagem machadiana. **Odor de scripta** pode-se completar. Sensibilidade e malícia feminina. O avesso da saga da insatisfação da mulher flaubertiana que busca uma vida mais intensa e abandona o casamento para se entregar a outros homens. Graças a esta obra que rompe com o Romantismo para inaugurar o

Realismo passa-se misturar na literatura condições sociais e linguagens, **o princípio de igualdade** (1857). Em que se encontram difundidos as formas de vida e o modo de sentir no ficcional. Daí a inteligente prosa do autor.

Talvez em certo sentido o personagem-escritor pudesse repetir a famosa frase do escritor realista **Emma Bovary c'est moi** (Emma Bovary sou eu). Flaubert deixou um grande legado para a arte e um aforismo singular: “o autor na sua obra, deve ser como Deus no universo, presente em toda parte, mas não visível em nenhuma” (TODOROV, 2009, contracapa).

No fim da obra, a morte do amante. Não é uma saída. Mas o encontro do narrador com o desejo de narrar, ou seja, aproximar esse rascunho de escrita com a realidade. Trocar os papéis do indivíduo, homem e mulher e escrever sobre essa nova experiência.

Treinar o sacrifício de ser mulher... Virgem no crime da escrita de ser mulher... Virgem na sensibilidade feminina.

Mas nasce-se mulher, assim como se nasce homem. “A mulher é algo mutável e inconstante”, dizia Virgílio. Como treinar o que não traz escolha: ser homem ou ser mulher, viver um amor corporal? Sobreviver à entrega do amor independente do sexo. Amor imbuído de verdade que o homem há muito esqueceu, preocupado em alimentar o corpo enquanto **caçador** do efêmero quando este se tornou mais importante do que ser **jardineiro** do eterno².

Saídas ficcionais de um mundo escrito pelo avesso. **Acenos** para a força feminina que sustenta o seu papel com muito peso no corpo pelo muito que lhe falta em sua metade de ser-homem. **Afagos** para a palavra, a cultura, a vida: marca secreta do mundo. *Acenos* para o homem que às vezes deixa de ser pai para ser mãe. *Acenos e afagos* o desvario de estar-homem e de ser-mulher e vice-versa.

Literatura é jogo e aventura, mas também arma. João Gilberto Noll sabe como materializá-la na transdiscursividade que passeia em sua obra, que poeticamente envolve belas passagens filosóficas, a inquietação da mente humana, as cidades como cemitérios humanos e a linguagem a apontar para uma crítica política do tempo presente. Trata-se de um autor grande que pela profundidade de sua prosa campeia facilmente pela grande

² Segundo Bauman, a metáfora da humanidade é a do jardineiro de onde saem os mais fervorosos produtores de utopias. O inverso está no caçador (OLIVEIRA, 2009, p. 15).

arte e cativa profundamente seus leitores. Anuncia, pois, em **Acenos e afagos** uma ideia nada dourada para o porvir

Essa confusão fazia parte do jogo; para que em casa eu não me apegasse a nenhum papel. Pois o futuro pode reservar surpresas (NOLL, 2008, p. 108).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARTHES, Roland. O prazer do texto. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1993.

COURTINE, J.; CORBIN, A.; GÉLIS, J. et alii. História do corpo. Trad. Lúcia M. E. Orth. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 2008.

NOLL, João Gilberto. Acenos e afagos. Rio de Janeiro: Record, 2008.

OLIVEIRA, Denis de. A utopia possível na sociedade líquida. Entrevista com Zygmunt Bauman. São Paulo: Revista Cult. nº 138, Ano 12, ago/2009.

ROIG, Maciel Edson. O desassossego de João. Rio Grande do Sul: Revista Brasil/Brazil, nº 37, ano 21, 2008.

TODOROV, Tzvetan T. A literatura em Perigo. Trad. Caio Meira. São Paulo: Difel, 2009.

WHITE, E. Genet: uma biografia. Trad. Alves Calado, São Paulo: Record, 2003.

SOBRE A AUTORA

Tania Teixeira da Silva Nunes é Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal Fluminense. Área de pesquisa: Estudos de Literatura e estudos culturais. Graduação em Letras - Português/Literatura pela Universidade Plínio Leite, Pós-Graduação em Letras - Português/Literatura pela Universidade Plínio Leite, Pós-graduação em Literatura Brasileira e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio (2005). Área de estudo: corpo e discurso narrativo. Autor de estudo: João Gilberto Noll. Vinculação ao projeto de pesquisa: O pensamento trágico e as ficções da crise. Participa do Grupo de estudos Nação e Narração da UFF. Graduação em Ciências Físicas e Biológicas - Faculdades de Humanidades Pedro II (1978). Atualmente é professora na rede estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro, atuando no Ensino Médio: Língua Portuguesa, Literatura e Redação, aplica a Literatura através do teatro e atividades

lúdicas. Possui inúmeros artigos publicados, entre eles: site do autor, jornais (Caderno Cultura do Jornal Zera Hora de Porto Alegre), revistas (Brasil/Brazil Journal of Brazilian Literature da Brown University, Revista Pulmão-RJ da Sociedade de Pneumologia e Tisiologia do Estado do Rio de Janeiro, Cadernos de Letras da UFF, Revista Texto e Território, Revista Querubim Revista Espaço Acadêmico e Revista Artefactum) e comunicações feitas em eventos como por exemplo ABRALIC-2005 e 2006, Encontro de Professores de Literaturas Africanas e VI e VII Seminário de Alunos de Pós-graduação em Letras da UFF e Seminário 100 anos sem Euclides da Cunha. Esteve na FLIP de 2006 a 2009. Em 2008 foi convidada informalmente pela Casa de cultura Jornal do Brasil a entrevistar o autor João Gilberto Noll, dia 3.8.2008, às 19:00 horas sobre sua participação no evento: matéria publicada no Jornal do Brasil-Especial FLIP de 4.8.2008 sob o título: Excreções e cinema na FLIP) e em 2009 foi selecionada para participar da Oficina Literária com o poeta Carlito Azevedo). Em desenvolvimento Anteprojeto de tese para o Doutorado.